

## **RELAÇÃO SOCIEDADE NATUREZA: EPISTEMOLOGIA DE UMA NEUROSE?**

**JOÃO FERNANDES DE CASTRO NETO SEGUNDO<sup>1</sup>, REGINALDO JOSÉ DE SOUZA<sup>2</sup>**

### **1 Introdução**

O presente resumo expandido baseia-se na pesquisa realizada no contexto do projeto “Relação Sociedade-Natureza: Epistemologia de uma Neurose?”, sob a orientação do professor Reginaldo José de Souza. Caracteriza-se pelo intuito de aprofundar e responder algumas dúvidas acerca das relações entre a sociedade e a natureza, está sendo vista como um ente que funciona independentemente das ações e desejos da sociedade, estando em constantes modificações.

Partiu-se da prerrogativa de que as interações entre a sociedade e a natureza podem ser produtoras de neurose nos seres humanos, na medida que ela, a natureza, pode ser representativa de um ente castrador na psique, tendo-se em vista que suas dinâmicas não são completamente controláveis pelos seres humanos, seus intentos econômicos, projetos políticos e construções culturais. As leituras que apoiaram este estudo teórico foram buscadas nas obras de Sigmund Freud e Juan Násio, no campo da Psicanálise. Aristóteles, Platão, Kierkegaard e Immanuel Kant, no campo da Filosofia. Reginaldo Souza e Yi-Fu Tuan, no campo da Geografia.

A seguir, serão apresentadas as reflexões teóricas produzidas nesta pesquisa, tendo-se em vista os impactos dos mecanismos de repressão e castração em seres que buscam pelo prazer, mas, ao mesmo tempo, são confrontados com o desprazer de sua própria finitude, com o medo da morte e com a consciência de que são muito frágeis diante das forças naturais que movimentam e transformam o planeta.

---

1 Titulação acadêmica: graduando em História; Instituição: Universidade Federal da Fronteira Sul; Grupo de estudo: GENVI, Geografia e Gênero, Natureza e Vida Cotidiana; Campus: Erechim, RS; Contato: joaofernandes.cnn007@gmail.com

2 Titulação acadêmica: graduado, Mestre e Doutor em Geografia; Instituição: Universidade Federal da Fronteira Sul; Campus: Erechim, RS;

## **2 Objetivos**

Diante da hipótese de que as interações da sociedade com a natureza podem ser produtoras de neurose, da qual Freud destaca como sendo desejos divergentes no inconscientes de cada indivíduo, o maior objetivo desta pesquisa foi buscar elementos teóricos para compreender se esta hipótese teria algum respaldo em ciências que: i) buscam o entendimento do funcionamento da psique humana, como é o caso da Psicanálise; ii) buscam a compreensão da condição humana no mundo, como é o caso da Filosofia e iii) buscam a compreensão dos impactos das ações da sociedade na natureza, como é o caso da Geografia.

## **3 Metodologia**

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de levantamento bibliográfico, leituras e sistematização das ideias sobre o problema levantado no projeto de pesquisa. A proposta foi de compilar estudos a partir de uma perspectiva interdisciplinar entre áreas do conhecimento que fornecem explicações sobre o funcionamento psicológico do ser humano, sua condição de ser-estar no mundo e o modo como se relaciona com as dinâmicas naturais. Considerando estes três grupos de discussão, reuniu-se os seguintes textos para leitura e análise: a) O Futuro de uma Ilusão (1996 [1927]) e o Mal Estar na Civilização (1996 [1930]), de Freud; Édipo: O Complexo do qual Nenhuma Criança Escapa, de Násio (2007); b) Física I e II, de Aristóteles, traduzido por Lucas Angioni (2009); Timeu, de Platão, traduzido por Edson Bini (2012); O Desespero Humano, de Kierkegaard, traduzido por Adolfo Monteiro (1979) e o capítulo Analítica do Sublime, na obra A Crítica da Faculdade do Juízo, de Kant, traduzido por Antônio Marques e Valério Rohden (2017); c) Paisagem e Socionatureza, de Souza (2018) e o capítulo O Medo da Natureza: Grandes Caçadores e Fazendeiros Pioneiros, presente no livro Paisagens do Medo, de Tuan, traduzido por Lívia de Oliveira (2005).

## **4 Resultados e Discussão**

A experiência humana na superfície terrestre é desafiadora por vários motivos. Mas, em relação à necessária e fundamental convivência com a natureza, tem-se que esta se apresenta como um elemento capaz de gerar neurose em nossa psique. Com a leitura das obras de Freud (1927, 1930) notou-se a preocupação do psicanalista com o fato de que a

natureza é um ente não superado pela sociedade, por mais que os seres humanos tenham avançado em tecnologia e suas formas de suposto controle da natureza. Vivemos uma ilusão de segurança, como se fôssemos superiores à natureza, mas, nossos medos, entre eles o das doenças e da morte, sempre estão presentes, ora mais, ora menos conscientemente em nossas vidas. Somos finitos e isso pode ser desesperador.

O sentimento do desespero como retratado em Kierkegaard (1979 [1849]) pode ser considerado bastante desconcertante, pois, trata-se de uma espécie de “privilégio às avessas” da condição humana perante outros animais. Os outros animais que não têm consciência de si e não pensam sobre sua condição de existência são desprovidos do sentimento de desespero, agem instintivamente. Mas, com o ser humano é diferente, pois, somente podemos nos desesperar com a vida em função dos nossos temores em relação às incertezas do futuro e da nossa própria finitude.

Platão (2012) e Aristóteles (2009) apresentaram modelos de explicação do funcionamento da natureza desde os primórdios da Filosofia. Para Platão, o cosmos é um modelo de explicação que faz pensar na ordem de todas as coisas que existem no mundo, desde os astros até os menores seres na superfície terrestre. Uma ordem que foi pensada por uma inteligência suprema que organizou o caos a partir de um ideal de beleza. Por outro lado, com a *physis* de Aristóteles, tem-se que a natureza é movimento perpétuo, em que toda a matéria é passível de autogeração e auto corrupção, de modo incontornável. Um autor trata da permanência e, o outro, da impermanência das coisas e, enquanto isso, ainda nos dias de hoje, nós tentamos organizar a vida social e nossa relação com a natureza a partir destes dois modelos de explicação da realidade. Desejamos a ordem na sociedade e no meio ambiente e, ao mesmo tempo, não lidamos bem com a impermanência do tempo, das formas espaciais, das formas da matéria e da corrupção de nossos próprios corpos.

Kant (2017 [1790]) tratou de discutir a estética do sublime natural. A magnitude da natureza assusta o ser humano, mesmo causando-lhe certo gozo de pertencimento. O autor chama esse sentimento dúbio de comprazimento negativo, ou seja, uma atitude que mistura medo e prazer no (des)entendimento do ser humano com relação à natureza. Neste quesito, foi possível relacionar esta abordagem com a supremacia da natureza tratada por Freud desde O Futuro de uma Ilusão (1927).

Tuan (2005) apresentou diversos exemplos históricos das relações de temor que várias sociedades antigas tinham com a natureza, desde os egípcios que temiam o desaparecimento do Sol, os babilônicos que temiam a queda do céu e os inuítes que temiam deidades aquáticas e terrestres porque sentiam culpa por suas práticas de abandono e assassinato de crianças órfãs. Tudo isso permite verificar que o medo da natureza era mais evidente no passado da humanidade, porém, mesmo com a atual tecnologia, que parece confortar a experiência humana na Terra, supostamente causando segurança pela possibilidade de explicar os fenômenos naturais e controlá-los, o medo da supremacia da natureza ainda se faz presente.

Então, com Násio (2007) aprendemos que a neurose é um movimento de desconforto na psique humana, causado pelo choque entre emoções contraditórias, desde a mais tenra infância do ser humano, quando começa estabelecer suas primeiras formas de afeto a partir das relações parentais, projetando neles sentimentos eróticos a partir de uma situação de fusionalidade que, mais tarde, a própria cultura vai determinar sua inadequação, proibição e repressão. A Psicanálise vai colocar que o sentimento de castração é traumático ao ser humano, sua primeira fonte de angústia. Então, o que dizer dos processos de recalçamento de traumas que começam, desde muito cedo, com a confrontação de figuras poderosas (o pai, a mãe) e, depois, na vida adulta, com outras ainda mais poderosas (Deus, Natureza)?

## **5 Conclusão**

Diante de tudo que já foi exposto acima, conclui-se que o ser humano, como indivíduo, baseia-se na premissa de ser algo superior a tudo, pois, no trajeto de sua existência vai buscando superar as representações castradoras. Mas, a humanidade ainda carrega seu medo da natureza, por não conseguir domá-la e, ao mesmo tempo, sabe-se que ela, a natureza, é sua fonte de prazer e satisfação (alimento, água, enfim, fonte de sobrevivência). Então, temos aí uma boa argumentação para concluir que aquela hipótese levantada no início do trabalho pode ter sua razão de ser.

Hoje em dia, a sociedade se preocupa fortemente com o meio ambiente e com a manutenção dos recursos para as gerações futuras. Isto está relacionado com o desejo de evitar o sofrimento e a morte, o que é fundamental. Porém, a sociedade se preocupa com o meio ambiente como se somente ela fosse capaz de controlar a natureza e suas forças. Com isso, esquece-se de proteger pessoas que são agredidas pela economia e pela natureza, pois,

existem muitos famintos neste mundo que, quando se confrontam com a natureza, sentem suas dinâmicas de modo ainda mais dolorido.

Talvez nós estejamos, sim, em meio a uma grande neurose coletiva. Amamos e tememos a natureza. Queremos cidades e, depois, queremos fugir delas nos bosques e praias. Pretendemos salvar a natureza, mas pouco nos preocupamos em salvar a humanidade, principalmente as pessoas em situação de miséria. Talvez ainda possamos, um dia, sair de um estágio de infantilidade traumática, amadurecer diante da fatalidade da vida, aceitar a nossa fragilidade diante de forças naturais que não controlamos e, assim, quem sabe, pensarmos em garantir uma vida digna para todos... na natureza que não vai morrer nunca.

### Referências Bibliográficas

- FREUD, Sigmund. **As Neuropsicoses de Defesa**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1990
- ARISTÓTELES. **Física I-II**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- PLATÃO. **Timeu** - Críticas - O Segundo Alcebiades - Hípias Menor (trad. Carlos Alberto da Costa Nunes. 3a. Ed. Belém: EDUFPA, 2001.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do Juízo**. 2ª Edição. Trad.: Valério Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- SOUZA, Reginaldo José de. **Paisagem e Socionatureza: olhares geográfico-filosóficos**. Chapecó, SC: Ed.
- FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.
- KIERKEGAARD, Soren Aabye. **O desespero humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005. [1979]
- NÁSIO, J. d. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio De Janeiro: Zahar, 2007.

**Palavras-Chave:** Neurose; Relação; Sociedade; Natureza.

**Número de registro do Sistema Prisma:** PES-2021-0485.

**Financiamento:** UFFS.